

AS “SANTAS” MISSÕES DOMINICANAS EM GOIÁS NO FINAL DO
SÉCULO XIX

Vera Lúcia Caixeta *

RESUMO

Neste artigo analiso as primeiras ações dos frades dominicanos franceses na diocese de Goiás, no final do século XIX. Aponto alguns mecanismos utilizados pela Igreja para reformar as práticas e as crenças dos leigos. Trato, de forma especial, das “Santas Missões” e das “desobrigas” utilizadas como estratégia pastoral. Utilizo as narrativas dos frades dominicanos que vivem ou percorrem a região como fontes.

Palavras-chave: Missões, Dominicanos, Goiás.

ABSTRACT

In this article I analyze the first actions of the Dominican friars in the French Diocese of Goiás, in the late 19th century. I point out some of the mechanisms used by the Church to reform the practices and beliefs of the faithful. I Tract, in a special way, the "Holy Missions" and the "desobrigas" used as pastoral strategy. I use the narratives of the Dominican friars who live or travel through the area as sources.

Keywords: Missions, Dominican, Goiás.

Introdução

É comum dizer-se que já não se fazem mais católicos e, por conseguinte, festas religiosas como antigamente. Não incluí em minhas pretensões analisar a validade destas ideias genéricas. Todavia, uma de minhas preocupações centra-se na necessidade de compreender o início do processo de reforma da Igreja que ocorre na diocese de Goiás, a partir da instalação da ordem dominicana francesa no Brasil Central (1882).¹ Interessa-me, particularmente, conhecer os mecanismos utilizados pelos frades para difundir sua mensagem e marcar sua presença junto às populações; como as normas são

* Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Colegiado de História.

Email: caixeta@uol.com.br.

¹ A reforma religiosa implica no fortalecimento das mediações eclesiais (sacramentos, cerimônias litúrgicas e pregações), na centralização e hierarquização do poder a partir de Roma. Vale ressaltar os esforços destinados à sacralização das famílias e à uniformização da fé, empreendido pelos dominicanos na diocese de Goiás.

levadas aos leigos, contribuindo ou não para mudar seus comportamentos e suas crenças. Percebo as “santas missões” como estratégia pastoral usada pelos frades dominicanos. Utilizo como fontes as narrativas dos frades que vivem ou percorrem a região. Esse *corpus* documental encontra-se publicado em periódicos e livros.²

A Coleção Memória Dominicana é um periódico semestral publicado no Brasil a partir do final da década de 1980 e na década de 1990. Ela é constituída por 52 fascículos.³ Os volumes iniciais são elaborados a partir da experiência missionária no Brasil Central, no final do Império e na Primeira República (1889-1930), no processo de implantação de um projeto de reforma da Igreja na diocese de Goiás e diante do desafio de reunir e catequizar os índios em Goiás, no sul e sudoeste do Pará. Os volumes finais da Coleção apresentam a situação da Província Dominicana São Tomás de Aquino no Brasil até o final dos anos 1980 e volumes específicos sobre os povos indígenas, com artigos elaborados pelos frades nas décadas de 1920 e 1930, publicados em alguns periódicos da ordem.⁴ Para este artigo, utilizo apenas informações gerais sobre os

² Frei José Maria Audrin, autor dos livros “Entre Sertanejos e Índios do Norte” e “Os Sertanejos que eu Conheci” viveu entre os vales do Araguaia e Tocantins entre 1904-1938. Frei Gil Vilanova chegou a Uberaba em fins de 1887, passou pelo convento de Goiás e em 1890 foi para Porto Nacional de onde pode, com maior afinco, realizar suas excursões atrás dos índios do Araguaia, até fundar a missão e a futura cidade de Conceição do Araguaia, em 1896. Ele faleceu, de febre amarela, a caminho de Belém, em 1905. Sua vida e obra foi escrita pelo superior da Congregação Frei Gallais “O apóstolo do Araguaia: frei Gil Vilanova, um missionário dominicano”.

³ Os primeiros volumes da Coleção Memória Dominicana são de biografias. O v.1 Frei Gil Vilanova: apóstolo dos Índios (1851-1905), por Frei Ephrem Lauziere em 1934. O v.2 Frei Vicente de Mello: primeiro dominicano brasileiro (1854-1881), por Frei Reginaldo Fortini. O v.3 Frei Guilherme Vignau: missionário companheiro de Frei Gil de Vilanova (1865-1903), por Frei Ephrem Lauziere (1938). O v.4 Frei Estevão Gallais e Sua Obra Missionária, por Frei Ephrem Lauziere (1939). O v.5 Frei Angelo Dargaingaratz (1848-1905), por Frei Ephrem (1938) e o v.6 Frei Raimundo Anfossi (1858-1915), por Frei Ephrem (1938). O v.7 Frades Dominicanos no Brasil, por Frei Jacinto Lacomme (1922). O v.8 Frei Gil de Vilanova e Suas Excursões Missionárias em Busca dos Índios, sem autor e sem data. O v. 9 Frei Antonio Sala, por Frei R. Bonhomme, 1937. O v.10 Rádio Educadora do Araguaia, por Frei Alano Porto de Menezes, sem data. O v. 11 D.Frei Domingos Carrerot: Bispo de Porto Nacional, sem autor e sem data. O v.12 Cartas do Brasil, por Frei Estevão Gallais, são 83 páginas, escritas em 1883, relatando sua viagem ao norte de Goiás. O v.13 Missões Populares Dominicanas, por Frei Alano, sem data. O v.14 Crônicas da Missão em Conceição do Araguaia (1896-1938), organizado por Frei Alano, reproduz artigos publicados nas revistas francesas da ordem e cartas enviadas pelos missionários aos seus superiores, o mesmo foi feito no v.15 Crônicas da Missão Dominicana em Porto Nacional (1877-1936).

⁴ Sobre os indígenas ver os seguintes números: v.28 Face a face com os Garotires, extraído das Missions Dominicaines, de 1932, de Frei Luiz Palha. O v.29 Índios Carajás, Frei Luiz Palha, extraído das Missions Dominicaines, 1930. O v.30 Xavantes: os fantasmas da mata virgem, Frei Luiz Palha, extraído das Missions Dominicaines, 1937. O v.32 Índios da Prelazia de Conceição do Araguaia, extraído das Missions Dominicaines, 1938. O v. 33 Índios Tapirapés, extraído do Mensageiro do Rosário, 1915 e das Missions Dominicaines, 1925. O v.35 Lendas e Costumes indígenas, extraído Mensageiro do Rosário, 1939. O v. 36 Tribos indígenas na Prelazia de Conceição do Araguaia, Mensageiro do Rosário, 1938. O v.39 Reminiscências Missionárias, por Luiz Palha, extraído do Mensageiro do Rosário, 1939.

dominicanos, suas primeiras ações na diocese, voltadas principalmente para as “santas missões”.

A comunidade científica estabelece suas próprias regras para o estudo dos seus objetos. No caso dos temas “religiosos” exige-se que eles sejam tratados com o mesmo rigor dos objetos “profanos”. Assim, na realização do seu ofício, cabe ao investigador não perder a perspectiva de que realiza uma “operação historiográfica”. Ela produz um corpo de enunciados “científicos”, se entendidos como “a possibilidade de estabelecer um conjunto de *regras* que permitem ‘controlar’ *operações* proporcionais à *produção* de objetos determinados”. (CERTEAU, 2000:65-119)

Considero os frades como os “porta-vozes autorizados” da ordem dominicana. Nessa concepção, a comunicação implica não apenas relações lingüísticas, mas fundamentalmente, relações de poder simbólico. (BOURDIEU, 2008) Para o sociólogo francês: “o poder das palavras é apenas o *poder delegado* do porta-voz cujas palavras (...) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da *garantia da delegação* de que ele está investido”. (BOURDIEU, 2008:87) O frade, *representa* uma delegação, ele fala em nome de um grupo “comanda o acesso que lhe abre a língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima”. (BOURDIEU, 2008:87)

Investido da autoridade que lhe é outorgada pela ordem dominicana frei Estevão Gallais (1851-1907), o primeiro visitador apostólico dos dominicanos ao Brasil, orienta os frades a priorizarem as “missões populares” na diocese de Goiás.⁵ Em 1893, ele afirmou: “para isso viemos, (...) este é o objetivo visado desde o início, o fim para o qual convergem nossos esforços”. (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA. vol.13:3) Após dez anos de presença dominicana no Brasil Central define-se um campo de ação, prioritariamente, entre os católicos, e uma estratégia pastoral, as “santas missões”.

As chamadas “santas missões”, “missões populares” ou ainda “missões paroquiais” chegam ao Brasil através da Congregação das Missões, também conhecida por lazaristas ou vicentinos - por ter sido uma congregação fundada por Vicente de Paulo, na França, em 1623. Chamados para as missões entre os índios no Brasil no século XIX, logo os lazaristas se direcionam para as missões entre os católicos que, no passado, fizeram tanto sucesso na França. Em 1820, os lazaristas pregam a primeira missão em Catas Altas, Minas Gerais (BEOZZO, 1980:103). Dentro do plano de

⁵ Estevão Gallais nasceu na França em 1851 e morreu no Brasil em 1907, com apenas 56 anos. Em 1888 foi designado Visitador extraordinário da Missão Dominicana no Brasil. Ao regressar à França foi eleito Provincial da Província de Toulouse em (1890-1894), (1902- 1905), (1906-1907). No total, fez 4 visitas canônicas ao Brasil. Foi enterrado em Formosa-GO. Ver: COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA.

centralização administrativa, sacramentalização dos fiéis e separação entre práticas sagradas e profanas, as missões receberam grande incremento no Brasil do Segundo Império (1840-1889) e, especificamente, na diocese de Goiás, com a inserção dos dominicanos.

Para Bourdieu (2007,43) a oposição entre *sagrado* e *profano* é o resultado da afirmação das estruturas institucionais. Ela está diretamente relacionada com a disputa entre os detentores do monopólio da gestão do “sagrado” e os leigos. Uma disputa de poder que ocorre dentro do “campo” religioso. Os leigos são definidos como “profanos”, “no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado”. Porém, essa divisão entre religião e magia, entre sagrado e profano, escamoteia a “oposição entre diferenças de competência religiosa que estão ligadas à estrutura de distribuição de capital cultural” (BOURDIEU, 2007:44). Por isso, as práticas mágicas normalmente aparecem como profanadoras e heréticas, na medida em que sua sobrevivência constitui sempre uma resistência, uma contestação ao monopólio da gestão do sagrado. (BOURDIEU, 2007:44-45)

Como se verá, as disputas dentro do “campo religioso” católico são mais perceptíveis nos momentos de reforma da Igreja. Durante o movimento reformador também chamado de ultramontano, que ocorre no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, o corpo de especialistas religiosos insiste no fortalecimento das mediações eclesiais (sacramentos, cerimônias litúrgicas e pregações), na retomada das determinações tridentinas, na sacralização dos locais de culto, na moralização do clero e na diminuição do poder dos leigos. (SILVA, 2001:204). Não por acaso, ocorrem tentativas de moralização do clero, dos leigos e de sacralização dos espaços e dos eventos da Igreja. D. Cláudio Ponce de Leão (1841-1922), quando bispo da diocese de Goiás (1881-1890), proibiu as festas dentro das igrejas. Era costume realizarem-se ali eleições políticas, banquetes dos Imperadores do Divino e bailes. (SILVA, 2008:138) Não sem a resistência dos leigos, é claro.

A proposta da missão paroquial, já anteriormente usada pela Igreja no Brasil, é colocada em prática pelos dominicanos na diocese de Goiás. Uma estratégia missionária que parte do princípio de que a sociedade é católica, porém, os leigos precisam adequar suas práticas e crenças às normas do novo catolicismo. Neste, espera-se subordinar os leigos à hierarquia eclesial. Já as “desobrigas”, amplamente utilizadas, são uma simplificação das “santas missões” e possibilitam ao fiel colocar sua vida religiosa em ordem, ou seja, cumprir os preceitos pascais. Enfim, através dessa prática pastoral

busca-se a uniformização da fé, rompendo com os aspectos sincréticos, multifacetados e “profanos” tidos como componentes da religiosidade popular no Brasil que deveria ser superada através da ação de um novo clero.

Os Dominicanos na Diocese de Goiás

A Ordem dos Frades Pregadores, mais conhecida pelo nome de ordem dominicana, foi fundada por Domingo de Gusmão, na França em 1216. A *Ordo Praedicatorum* (OP) chega ao Brasil no final do segundo Império, em novembro de 1881. Sua presença em Goiás responde à política impulsionada pela Santa Sé de incentivar a expansão das congregações religiosas católicas para fora da Europa, como fruto da necessidade das dioceses no Brasil e da própria situação vivida pela ordem, que havia sido expulsa da França e se encontrava na Espanha.⁶ Naquele momento, os novos bispos do Brasil, desejosos de implantar um projeto de reforma da Igreja, recorrem às congregações estrangeiras, entre elas a dos dominicanos.

O lazarista D. Cláudio, depois de indicado para o bispado de Goiás, convida a ordem dominicana para se estabelecer no Brasil Central.⁷ A solicitude do provincial dominicano espanta os próprios lazaristas que recebem os três frades no Rio de Janeiro. Um antigo missionário que já havia percorrido o interior do Brasil, pregando as missões, critica essa atitude de D. Cláudio, como explicou Frei Raimundo Madré em carta ao provincial: “o bispo tinha agido com demasiada precipitação, convidando-nos a vir para uma diocese a qual o próprio bispo não a conhecia ainda e cujos recursos e necessidades ignorava”. (Apud COLEÇÃO MEMÓRIAS DOMINICANAS, s.d:123) Percebe-se que, não raro, ocorrem disputas entre o clero religioso (pertencentes a uma

⁶ O movimento revolucionário francês perseguiu as ordens e congregações religiosas, entre elas a dos dominicanos. Com a vitória da revolução e da concepção de vida secular, elas tiveram suas propriedades confiscadas e seus conventos fechados. Em 1880, os dominicanos são expulsos da França e acabam transferindo sua sede para Salamanca, na Espanha. Depois de oito anos eles conseguem retornar para a França. Ver: SANTOS, Edivaldo Antonio dos. *Os Dominicanos em Goiás e Tocantins* (1881-1930): Fundação e Consolidação da Missão Dominicana no Brasil. Dissertação de Mestrado: UFG, 1996:14-32

⁷ “Desta feita, 1881, mal acabara de receber convite por escrito [...] de um bispo há pouco apresentado e confirmado, porém não ainda ordenado para a diocese de Goiás, apresentaram-se de pronto três frades, três meses depois da ordenação episcopal. Espantaram-se, pois, os lazaristas, diante de tamanha pressa e solicitude. [...] o provincial, naquele momento histórico talvez profético, jogava e apostava no futuro da OP no Brasil pela dedicação de seus filhos, *pari passu* depositando bastante confiança na pessoa que os convidava de todo o coração vir atuar no Brasil”. Ver: COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s.d:124

ordem ou congregação religiosa) e entre estes e os padres seculares (subordinados ao bispo).

Até no último decênio de oitocentos, a jurisdição eclesiástica do bispado de Goiás ultrapassa os limites do território goiano e inclui também o “Triângulo Mineiro”. Por isso, a cidade de Uberaba em Minas Gerais, chamada na época de “princesa do sertão”, é escolhida para ser a sede dos dominicanos no Brasil. Os frades chegam a Uberaba no final de 1881 e tratam de reformar a casa, aprender a língua portuguesa e rezar o terço aos domingos à noite na igreja de Santa Rita. Já na festa de São Sebastião, no dia 20 de janeiro de 1882, Frei Raimundo Madré prega o primeiro sermão, em língua portuguesa (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s.d. v.52:126). Utilizando-se das crônicas do antigo convento de Uberaba é possível reconstituir parte do cotidiano dos primeiros frades franceses na diocese de Goiás:

A partir de março de 1882, Frei Madré começou fazer pregações dominicais durante a missa e lecionar catecismo nas escolas. Após a chegada de novos padres a missa passou a ser ‘cantada todos os domingos e dias santos às 8:30 hs, com sermão doutrinal de um quarto de hora ao Evangelho’. Às 5 horas da tarde, ainda no domingo, após o canto das Completas, recitava-se o terço, cantavam-se as Ladainhas de Nossa Senhora e o ofício terminava com a Benção do Santíssimo Sacramento, seguido de um cântico pelas crianças. As crianças, estas não eram mais o grosso da assembléia: ‘certos dias, a pequenina igreja ficava repleta de fiéis pertencentes à melhor sociedade do lugar’. O ano de 1882 ficou reservado principalmente para o estudo da língua portuguesa. Todos os dias, após Vésperas, os religiosos se reuniram para uma aula de português (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s.d.v.53:136).

Os desafios enfrentados pelos frades no Brasil são enormes. As limitações da língua precisam ser vencidas rapidamente em meio à rigorosa disciplina conventual. Entre as obrigações diárias dos frades estão a participação na celebração eucarística e a recitação do breviário. Nos domingos, durante a celebração da Santa Missa, (sempre pela manhã e em latim), eles pregam um sermão de quinze minutos (em português), no domingo à tarde ensina-se catecismo, recitam-se cânticos, rezam-se o terço e as Ladainhas de Nossa Senhora, além da benção do Santíssimo Sacramento. Enfim, os frades, independente do lugar em que esteja situado seu convento, seja na Europa ou no Brasil, seguem rígida disciplina e um “receituário” religioso que normaliza suas práticas, impede a improvisação e os distanciam do clero nacional. Eles fazem questão de demarcar essa distinção.

Após a fundação do convento de Goiás (1883), Frei Alfonso, irmão cooperador, responsável pela cozinha dos frades deixava que “algumas pessoas entrassem na casa para mostrar que lá dentro não havia mulheres” (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA s.d. v.20:8). Com esse gesto e com suas práticas cotidianas rigorosas os frades colocam em questão a proximidade do clero goiano com a vida mundana (com as mulheres e com a política) e, por meio de tal atitude, querem “fazer ver e fazer crer” que são modelos de comportamentos a ser imitado.

O clero goiano aparece nas narrativas de viagens dos médicos e naturalistas franceses que percorrem a região no início do século XIX, como mundano, sem formação moral e intelectual. Tanto J. E. Pohl quanto Saint-Hilaire fazem questão de registrar o comportamento exemplar do vigário de Santa Luzia (GO), exatamente por ser uma exceção. Além de instruído, prega gratuitamente todos os domingos e confessa grande número de fiéis. (Apud BEOZZO, 1980) Essa leitura negativa do clero nacional está presente nas narrativas dos dominicanos, eles não viram virtudes nem no clero nacional, nem no estrangeiro que atua na diocese de Goiás.

Nesse sentido, exemplar modelo de crítica ao comportamento do clero goiano, encontra-se nas narrativas do frei Michel Berthet. Ele acompanha D. Cláudio na sua visita pastoral ao norte de Goiás, entre 16 de maio a 21 de novembro, de 1883.⁸ O bispo de Goiás, no cumprimento de suas obrigações episcopais percorre toda a sua diocese e “mapeia” a quantidade e qualidade do clero, além da situação da administração das paróquias e do seu patrimônio. Frei Berthet o acompanha apenas na viagem ao norte de Goiás e deixa ricas informações sobre o comportamento do clero e dos fiéis nas diversas paróquias visitadas. São vinte paróquias assistidas por doze sacerdotes, além de um projeto de catequese indígena, nas margens do rio Araguaia e Tocantins, levado a cabo por apenas dois missionários capuchinhos (BERTHET, 1982:109-170).

Tanto o bispo de Goiás, quanto o missionário francês endossam uma representação negativa do clero goiano, presente nas narrativas estrangeiras e nacionais, elaboradas no século XVIII e XIX. Em geral, diz-se que o clero encontrado não possui comportamento exemplar, é mundano e desinteressado pelo exercício da instrução moral e religiosa dos fiéis. A lista dos desmandos do clero é enorme (BERTHET, 1982). Ele é acusado de não pregar aos domingos e na quaresma; não cuidar da limpeza e

⁸ Em abril de 1883 Frei Raimundo Madré funda o convento de Goiás. Frei Berthet chega da Europa e após um pequeno descanso de três semanas é convidado pelo bispo para acompanhá-lo na sua Visita Pastoral, de seis meses ao antigo norte de Goiás. Ver: COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA.

asseio dos templos, bem como da confissão e distribuição de sacramentos aos fiéis. Além disso, afirma-se que ele não possui as virtudes que o cargo exige, não é pastor e, portanto, não sabe conduzir o rebanho. Além de pouco numeroso está espalhado num grande território. Sua base de apoio é a paróquia, distante da autoridade eclesiástica, com uma formação precária, não cumpre seus votos. Enfim, o frade desqualifica o clero goiano e aponta os erros e desafios da Igreja no interior do país, ao mesmo tempo em que ressalta aquilo que distingue os dominicanos do clero local: a vida comunitária, a solidez dos seus princípios e da sua obra.

Ora, se o clero goiano leva uma vida “profana” e não se interessa pela formação moral e religiosa dos fiéis, estes só podem estar mergulhados nas trevas da ignorância e do erro, afirma o missionário (BERTHET, 1982). Assim, sem uma condução firme e segura, os católicos só podem viver no pecado, pois não conhecem os fundamentos da fé, nem participam dos sacramentos, “o estado moral deste povo é dos mais lamentáveis, e o único remédio seria enviar-lhes bons padres” (BERTHET, 1982:151-152). Em outra passagem o frade reforça essa concepção de que a prática católica carece de direcionamento oferecido por “bons padres”, do contrário: “encontra-se a ignorância mais crassa entre esta pobre gente, que vive sem fé e morre sem sacramentos, sob o peso dos pecados mais monstruosos” (BERTHET, 1982:152). Para o frade dominicano, “bons padres” só poderiam ser os padres estrangeiros comprometidos com a “reforma” dos católicos. Como não encontram “bons padres” no norte de Goiás, os fiéis perdem a salvação por ignorância. Entre seus pecados estão o casamento realizado sem a presença do representante da Igreja.

Devido às enormes distâncias, aos custos dos casamentos, à ausência de padres e de costume de receber o sacramento do matrimônio, os casais se unem sem as bênçãos da Igreja, parece ser esta a regra geral. Segundo Frei Gallais, os casais se abrigam por detrás “da razão de impossibilidade” e esperam a melhor oportunidade para legalizar sua situação frente à Igreja (GALLAIS, 1942:107). Pelo menos, essa é a expectativa do frade, porém, devemos considerar que numa região com muita mobilidade espacial, como a encontrada por Berthet, no antigo norte de Goiás, muitos casais não queiram enfrentar as exigências da Igreja, apenas para que ela pudesse reconhecê-los numa situação que já viviam de fato.

De qualquer forma, durante a visita de D. Cláudio, os nortistas se mostram dispostos a participar dos sacramentos. É possível desconfiar que para a realização de mais de mil casamentos, como anota Berthet, os entraves burocráticos devem ter sido

rompidos pelo bispo. Em Porto Imperial até as mulheres públicas correm atrás de um marido e os homens importantes se confessam (BERTHET, 1982:165-166). Porém, o recebimento do sacramento do matrimônio não é garantia da manutenção da união, daí a necessidade da presença constante de frades comprometidos com a normalização das práticas e das crenças dos católicos no seu cotidiano. Não por acaso, em 1886 é fundado o Convento de Porto Imperial e os frades assumem a paróquia de Nossa Senhora das Mercês naquela cidade.

É claro que é possível desconfiar dessa narrativa generalizante que mancha a reputação de todo o clero goiano, do final do século XIX. O próprio Berthet deixa escapar que alguns padres estão velhos ou doentes, alguns são piedosos e grande parte é respeitada. O problema é que esse clero não se encaixa nesse novo perfil exigido pelas novas diretrizes romanas: um clero moralizado, disciplinado, com boa formação moral e intelectual que não seja confundido com os leigos e nem viva como ele.

D. Cláudio deixa explícito que também não gosta do que encontra nas diversas paróquias da diocese de Goiás, sua reação encontra-se na Carta Circular Reservada, de 1885, através dela normatiza as obrigações do clero goiano (SILVA; MOREIRA, 2010:170-196). Ele exige a observância dos padres quanto à manutenção, em dia, dos livros de assentos de batizados, casamentos e óbitos que devem ser preparados e redigidos para que sirvam de documentos legais. Tal carta trata ainda da celebração da missa, do lugar adequado e tempo de sua duração, dos ornamentos que a constituem, da preparação do pão e do vinho. Lembra também da necessidade de estudo rigoroso, da preservação da castidade e do respeito devido no espaço sagrado das igrejas. Enfim, o bispo procura a unificação interna das condutas do clero e conclama a todos para ‘consolar’ o coração de Nossa Senhora, participando de um encontro na sede da diocese (SILVA, 2008).

O congresso diocesano ocorre na primeira quinzena de agosto de 1887, é uma obra conjunta dos dominicanos e do bispo de Goiás. O evento conta com grande parte do clero goiano, 39 no total, quase a metade dos padres da diocese, estimada em 80. (SANTOS, 1996:83) Um retiro espiritual, pregado pelo Vigário Provincial dominicano Frei Raimundo Madré, antecede o congresso. A pregação é sobre a “santa castidade” e a importância do sacramento do matrimônio segundo as regras doutrinárias (SILVA, 2009:55). Entre os dias 12 a 15 de agosto ocorre propriamente o congresso, no qual são aprovados os principais pontos da reforma católica em Goiás, a saber: a obrigatoriedade do uso do hábito fora de casa e de estudo (os padres com menos de 10 anos de

ordenação devem se sujeitar, todos os anos, a um exame de teologia); além do cumprimento dos votos de castidade (SANTOS, 1996:83). Esse esforço para o “enquadramento” dos sacerdotes dentro das regras disciplinares e doutrinárias passa também pela reforma do Seminário “Santa Cruz”, já que é necessário cuidar da formação dos futuros sacerdotes da diocese, inicialmente assumido pelos dominicanos.

As “santas missões” ocorrem na sede das paróquias. Elas são uma forma de verificar *em loco* o comportamento do clero e dos leigos, além de ser um momento especial de sacramentalização dos fiéis. Para os missionários franceses, as “santas missões” oferecem a oportunidade do cumprimento dos preceitos da Igreja – como a confissão anual obrigatória que antecede o recebimento da eucaristia (páscoa); obrigação dos fiéis estabelecida no Concílio de Latrão (1215) e confirmada no Concílio de Trento (1545). Para os leigos, as “santas missões” possibilitam a participação nos sacramentos, mas também funcionam como momento de socialização de uma população espalhada por um amplo espaço geográfico, que nessas ocasiões, pode entrar em contato com as novidades presentes nas feiras, trazidas do litoral pelos caixeiros-viajantes.

As Missões Paroquiais e as “Desobrigas” na Diocese de Goiás

Instalados em Uberaba com convento reconhecido desde 1882, logo os missionários, melhor adaptados ao clima local e mais familiarizados com a língua portuguesa, iniciam as missões paroquiais, em 1883 (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, S.D. V.20:9). Logo, seus espaços de atuação são largamente ampliados. As narrativas dos dominicanos apontam para a existência de alguns polos que desempenham papel importante como pontos de partida das “santas missões”. O primeiro eixo sai da cidade mineira de Uberaba em direção às paróquias mineiras, goianas e paulistas (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA. v.13:6). O segundo eixo sai do convento da Cidade de Goiás (1883), em direção ao sul e ao centro de Goiás. O terceiro sai de Porto Imperial (1886), em direção ao extremo norte, leste e central de Goiás. Por fim, do centro de catequese indígena em Conceição do Araguaia (1896), no Pará, sai outro eixo em direção ao norte e oeste de Goiás. Finda as missões, todos os frades retornam para os seus conventos de origem.

As missões paroquiais ocorrem em épocas específicas do ano, durante a estação da seca e exigem planejamento. Elas são consideradas instrumento de grande importância pastoral. Entre seus objetivos estão: “o afervoramento religioso, ocasião de

conversões e regularização de vida, reconciliação de ódios, afastamento dos abusos e superstições, volta aos sacramentos” (BEOZZO, 1980:209). Porém, na tentativa de reconciliação dos ódios locais, alguns frades se mostram imprevidentes. É o que ocorre, por exemplo, com Frei Gil de Vilanova, em Boa Vista do Tocantins (atual Tocantinópolis), em 1892. Na memória dos próprios dominicanos, Frei Gil teve uma atitude impulsiva e em circunstâncias não apropriadas, o que colocou em risco a sua vida e a de outras pessoas.⁹ O frade, pode até ser caracterizado pelos seus como portador de um comportamento impulsivo, porém ele, como frade europeu, acredita na ascendência da Igreja sobre o Estado, do europeu sobre o “sertanejo”, do clero sobre os leigos, sejam eles “sertanejos” pobres ou coronéis. Por menosprezar as “astúcias da inteligência” dos nortistas, acabou sendo surpreendido e perseguido. Este é um tema que merece outra pesquisa. Porém, percebe-se que nem sempre os frades são bem sucedidos nas suas tentativas de conciliação.

De qualquer forma, como já foi dito “as santas missões” ocorrem nas sedes das paróquias. Nesse sentido, elas são um reforço que a hierarquia eclesiástica envia para a base. A paróquia é a menor das circunscrições eclesiásticas, mas espera-se que através dela opere a normalização do comportamento e das crenças dos leigos. O servidor da paróquia é o padre, porém, na concepção dos bispos reformadores, entre eles o D. Cláudio, a maioria dos padres e vigários das paróquias ainda precisam ser preparados para empreender a reforma dos fiéis, pois são tidos como inadequados e despreparados. Enfim, apresento um plano geral das missões:

⁹ “(...) Frei Gil foi [juntamente com Frei Domingos Carrerot] pregar Missões em Boa Vista, agitada pela revolta sangrenta de dois partidos rivais. Chefiavam-nas os famosos Coronel Perna e o Coronel Leitão. Apenas chegado em Boa Vista, Frei Gil abriu os exercícios da Santa Missão para o povo da cidade enquanto enviava convites a todas as famílias da redondeza, como já tinha feito com insistência ao longo do caminho [de Porto Imperial a Boa Vista]. A intenção era, sem dúvida, generosa: obter por meio das palavras evangélicas a reconciliação dos inimigos, e como conseqüência o sossego tão almejado. Constrangia a seu coração a situação de tantos infelizes sertanejos alheios às intrigas, obrigados uns a pegar em armas, outros a esconder-se nos matos, para não serem envolvidos nessas lutas sangrentas. As circunstâncias porém não eram propícias [...]. Frei Gil se propôs como mediador. No dia e na hora marcados, Frei Gil acompanhado por partidários das duas facções, levou o Cel. Leitão à residência do Cel. Perna, e iniciou a conferência. Poucos instantes haviam decorrido e eis que ao lado do missionário, cai baleado mortalmente Alexandre Leitão, irmão do Coronel. A algazarra foi terrível, com gritos e ameaças de morte, no meio de um terrível tiroteio, na mesma hora, amigos e parentes da vítima concentraram todo o seu ódio no pobre do Frei Gil acusando-o de ter planejado a entrevista para provocar a morte do pobre Cel. Leitão. Num instante a cidade se esvaziava. Frei Gil conseguiu sair da infeliz cidade protegido e guiado por amigos bem armados, havia já caminhado dois dias quando recebeu uma mensagem apressada de Frei Domingos, avisando-o de que os assassinos estavam esperando sua passagem em certo ponto da estrada”. Ver: COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA. s.d., v.20:20

- 1) Atendimento sacramental e celebrações de Missas pelas quais os fiéis cumprem os preceitos da Igreja;
- 2) Uma pregação catequética e evangelizadora em torno dos mistérios do Rosário;
- 3) Organização de pequenas comunidades em forma de associações como Confraria do Rosário, Apostolado da Oração, Vicentinos, Ordem Terceira;
- 4) Manifestações públicas da fé: Procissões, Cruzeiros levantados como memória da passagem dos Missionários, mas principalmente para lembrança dos compromissos assumidos pela comunidade perante a fé em Deus. E finalmente, procissões ao “cemitério” após uma Missa celebrada pelos falecidos da localidade (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA. v.13.s.d:1-2).

Como é possível perceber, pelas narrativas dos missionários, durante as “santas missões” ocorrem celebrações religiosas, distribuições dos sacramentos e a sacralização dos espaços profanos. Através das manifestações públicas de fé, como as procissões e a construção de obras públicas, o espaço sagrado da igreja se espalha pela cidade, chegando até o cemitério. Através dessa atividade a Igreja procura aumentar o respeito pelos mortos, “oferecendo-lhes um Campo Santo condigno, limpo, delimitando o cercado e defendendo-o contra a invasão dos pequenos animais” (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, v.13:5).

Apesar da justificativa do frade dominicano com relação à reconstrução do cemitério, é preciso lembrar que a imagem da morte é um recurso simbólico importante e recorrente nas pregações dos frades. Com frequência, durante vários séculos, na Europa, os sermões sobre ela ocorrem nos cemitérios ao lado de um túmulo aberto. As pregações sobre o julgamento final ou o inferno, normalmente, são dadas ao cair da noite, nas igrejas mal iluminadas, o que provoca grande emoção coletiva. (DELUMEAU, 2003:11-46) Enfim, a reconstrução do cemitério não pode deixar de ser percebida como um importante recurso pedagógico utilizado pelos frades na conversão dos fiéis e ao mesmo tempo, está de acordo com as instruções médicas da época.

Certamente, as “santas missões” alteram o cotidiano, o tempo da normalidade da vida dos católicos. Os fiéis “da roça” e das vilas próximas chegam às pequenas cidades e ali permanecem por cerca de quinze dias. Nas narrativas dos frades, eles ressaltam que são recepcionados e escoltados por cavaleiros para solenizar a entrada na cidade. Naquela época, a boa recepção incluía a explosão de fogos e os disparos dos tiros de espingardas e revólveres (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA. v.7:7). Um espetáculo bonito de se ver, segundo Frei Lacomme é o afluxo das populações rurais para participar da missão:

Desde os primeiros dias os cristãos dispersos longe dos centros acorrem em grande número. Este afluxo do povo da roça para a cidadezinha é um dos espetáculos mais interessantes e edificantes. Imaginem vindo de todas as direções longas filas de carros primitivos – sim, e muito primitivos – puxados por cinco, seis e muitas vezes dez juntas de bois. Os homens a pé ou a cavalo, guiam as parelhas, enquanto as mulheres e as crianças vêm assentadas no carro. Com este grupo humano eis as provisões: arroz, feijão, farinha de mandioca ou de milho, ovos... [...]
[...]

Os cristãos fazem algumas vezes verdadeiros sacrifícios para não se privarem do grande benefício da Missão. Eles deixam sua casa, seus campos, seu rebanho, tudo sob a guarda de Deus e dos anjos. Trabalham muito para poder comprar roupas mais decentes; muitos percorrem grandes distâncias. Quando eles encontram as casas [...] já ocupadas, eles constroem para si abrigos provisórios cobertos de folhas de coqueiro, e lá, felizes, alegres, sorriem [...] rezam, cantam cânticos populares, e se preparam para receber dignamente os dois grandes sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

Na narrativa do frade aparece a sua expectativa e da sua instituição com relação ao comportamento dos fiéis: estes deixam suas casas e se dirigem para a cidade sede da paróquia, onde todos vivem alguns dias irmanados na busca pelo fortalecimento da vida espiritual, participam dos sacramentos da penitência (confissão), do batismo, da eucaristia e do matrimônio. Ninguém quer perder os “benefícios da missão” e para isso todos os obstáculos devem ser enfrentados para garantir a presença no evento. Para além da distribuição dos sacramentos, também é fundamental fortalecer institucionalmente o clero através da propagação de novas devoções e da fundação de novas associações:

As novas associações deveriam recolher-se ao âmbito interno da Igreja, com estatutos apenas eclesiais e sem personalidade civil, congregar-se ao culto e à santificação dos seus membros, dedicar-se mais à oração do que à ação social (...). O modelo mais acabado destas novas associações foi o Apostolado da Oração, que os párocos eram instados a fundar em suas freguesias e capelas. Houve um florescimento espetacular destas associações a começar pelas infantis, como a Cruzada Eucarística, prosseguindo com as de jovens, como as Filhas de Maria e Congregados Marianos, e as adultas: Apostolado da Oração, Associações de São José, Ligas de Jesus, Maria, José (para os operários), Conferências Vicentinas, Senhoras de Caridade e muitíssimas outras (BEOZZO, 1980:212).

Por onde passam em “santas missões”, os dominicanos fundam associações religiosas que ficam subordinadas ao pároco e muito distantes da autonomia leiga das Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras de outrora. Mas, esse direcionamento está dentro do novo projeto de Igreja, nele está incluso a substituição das antigas devoções e associações de origem portuguesa para as de origem francesa. O mesmo se dá com

relação às “imagens das devoções coloniais são substituídas pelo Sagrado Coração de Jesus e pelas devoções marianas” (BEOZZO, 1980:211-218). Novas devoções pedem novas festas, porém, seria mais sensato pensar que novas e velhas devoções caminham juntas durante muito tempo, porque os fiéis resistem em abandonar seus antigos santos e os festejos em sua homenagem, como a devoção ao Divino, aos Reis Magos, a São Sebastião, entre outras. Então, o que ocorre, inicialmente, é um acréscimo de novas devoções e festas, e não simplesmente, a substituição de umas pelas outras.

Enquanto as missões são realizadas onde existem paróquias, as “desobrigas” ocorrem por todo o interior e duram apenas uma noite e uma manhã. Elas podem ser consideradas uma simplificação das “santas missões”. Nelas, o frade cumpre uma função bem clara: a de possibilitar a regularização da vida sacramental dos fiéis. As “desobrigas”, assim como as “santas missões”, exigem um cuidadoso planejamento, tanto por parte dos frades, quanto dos leigos. Inicialmente, são demarcados os pontos de encontro ou “pousos”, geralmente é escolhido o ponto mais central, com boa “aguada, casa, árvores para ‘armarem’ as redes etc.” Os anfitriões, normalmente, são fazendeiros que tem condições materiais para acolher o missionário e os fiéis. Segundo frei Audrin, (1947:68-69)

No princípio do ano, enquanto os Religiosos estavam esperando no convento o fim das chuvas invernais, organizava-se o plano da campanha espiritual. Cada um recebia um programa de ação, junto com um roteiro bem determinado, indicando os povoados e as zonas a visitar, os sítios em que deveria ‘pousar’, as estradas por onde seguiria. Com a mesma antecedência, povoações e famílias eram informadas do dia da chegada do Padre e do tempo da sua permanência [...].

Avisados com antecedência, os anfitriões ficam responsáveis por convidar os moradores dos arredores e preparar os comestíveis, a correria é geral. Os fiéis pensam logo nos casamentos e batizados; nos padrinhos, nas roupas e nos calçados (PIAGEM e SOUZA, 2000:103-104). Chegado o grande dia, interrompem-se os trabalhos rotineiros. As moradias são fechadas e todos, homens, mulheres, crianças vestem as roupas de “ver Deus” e se dirigem para o local da festa. Sim, para as pessoas que vivem na área rural, sem grandes possibilidades de diversão, os encontros religiosos possibilitam quebrar a rotina da vida e ampliar a sociabilidade. O frade também precisa preparar a sua “tralha” de viagem. Devido às grandes distâncias e a ausência de meios de transportes modernos, ele faz as “desobrigas” a cavalo. Nessas viagens, ele vai junto com outro frade ou com

um guia. Entre seus “apetrechos” de viagem estão batina, vinho, hóstias, velas, santos óleos, remédios, caderno para fazer as anotações de casamento, batizado, etc. (PIAGEM e SOUZA, 2000)

Através das narrativas dos missionários é possível recuperar o esquema de uma “desobriga”. Logo percebemos que ela é motivo de alegria para os fiéis, a recepção do missionário também é solenizada por cavaleiros que são enviados para recebê-lo. Ao avistá-lo, soltavam-se foguetes. Essas manifestações se repetem ao chegar ao local do evento. Após a recepção e para descansar da longa marcha debaixo de sol quente, calor e poeira, o missionário toma um banho no rio mais próximo, janta e inicia os trabalhos que inclui a reza do terço e o canto da ladainha, seguido de pregação, publicação dos casamentos e avisos. O canto do bendito encerra a reunião e o padre inicia o atendimento às confissões, que se estendem até altas horas da noite. No dia seguinte, ele recomeça bem cedo a ouvir confissões, em seguida celebra a missa durante a qual são realizados os casamentos e batizados, além do indispensável sermão e a distribuição da eucaristia. Após o almoço, o missionário despede-se e dirige-se a outro pouso onde repete o mesmo esquema dos trabalhos anteriores (AUDRIN, 1947:69).

É interessante perceber que durante a “desobriga”, reza-se o terço e ladainhas, ou seja, preservam-se as tradições religiosas dos católicos, acostumados a praticar a religião sem a presença de padres. No momento da “desobriga”, o frade busca convencer os católicos a participar dos sacramentos e a mudar de vida, para isso, é necessário o ensino dos rudimentos doutrinários básicos: “o sermão era uma verdadeira catequese para adultos” (PIAGEM e SOUZA, 2000:105). Não por acaso, o medo das “pragas dos padres” ainda estão presentes no imaginário popular católico, no interior do Brasil.

Desde o Concílio de Trento, a Igreja tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Os católicos são motivados a refletir sobre os seus desvios e preparar-se para enumerá-los pontualmente ao confessor, pelo menos, uma vez por ano. Mas, segundo Berthet (1982:152):

Confessamos milhares e milhares de pessoas, dentre as quais não se encontrariam dez que soubessem confessar-se. É preciso perguntar-lhes tudo, pois eles não se acham na obrigação de responder senão ao que o padre pergunta. Consideram uma felicidade quando se esquece de perguntar-lhes algo que seria ampla matéria de acusação. E todos querem se confessar. Aceitariam as mais rudes penitências, contando que lhes fosse permitido continuar sua vida desregrada.

Confissão e eucaristia são sacramentos dependentes um do outro: a comunhão só acontece mediante a confissão das faltas junto ao padre. Os “pecados”, anteriormente identificados e pelos quais sente pesar e arrependimento, são ditos ao confessor: é a confissão individual auricular, que deve ser realizada uma vez por ano. Todavia, essa disciplina confessional pressupõe uma consciência individual, pela qual o “pecador” se reconhece responsável pelos seus atos e pelas suas consequências em termos de salvação. Ela fundamenta-se ainda na convicção segundo a qual o arrependimento e a conversão podem assegurar a qualquer momento a salvação. Nessa aprendizagem, o papel do padre/confessor é primordial para aliviar a consciência dos pecadores ou avivá-las com a culpabilização excessiva (VICENT, 2008:175-176).

Ora, seja nas “santas missões” ou nas “desobrigas” é papel do frade insistir com os católicos para participarem dos sacramentos, principalmente o da confissão. Mas, certamente, havia uma distância considerável entre a expectativa do missionário e as intenções dos fiéis. Na perspectiva do católico aquele é o momento de acertar as contas com a Igreja, passando pelo ritual e cumprindo a penitência. Para o frade, ao contrário, o sacramento implica reflexão, acusação e mudança de vida. Porém, o fiel resiste, ele enfrenta o ritual da confissão, mas, prefere ser interrogado, assim o frade “deve fazer quase tudo: falar, questionar, contentar-se de um sim ou um não, excitar à contrição, muitas vezes, após fazer o que pode, é obrigado a se lembrar da misericórdia infinita de Deus para com os pobres pecadores ignorantes” (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, v. 7:8).

Considerações Finais

Os dominicanos buscam naquele momento de separação da Igreja do Estado, o fortalecimento da instituição religiosa. Eles se colocam como braço direito dos bispos de Goiás, como exemplo de comportamento e de formação intelectual para o clero goiano e cobram dos leigos a adesão às mediações eclesiais (sacramentos), insistem na formação cristã da juventude através da abertura dos colégios católicos, investem na sacralização das famílias, fazem aliança com as elites regionais, divulgam novas devoções religiosas, pregam as devoções marianas, desejam festas mais clericais e menos “profanas”, mas certamente têm que acomodar-se frente aos costumes locais.

As missões paroquiais e seu desdobramento, as “desobrigas” são uma das mais importantes estratégias usadas nesse processo de reforma da Igreja, empreendida pelos

dominicanos na diocese de Goiás. Porém, não daria para concluir que apenas esses encontros ocasionais provocam alterações fundamentais nas práticas e crenças dos fiéis católicos, sem considerar todo um conjunto de ações que, aos poucos, vai sendo implantado. Também é necessário pensar nas acomodações às aspirações dos fiéis não dispostos a aderir aos novos princípios e normas, forçando constantemente os frades a reinterpretar as práticas religiosas locais, para evitar maiores contestações.

Referências Bibliográficas

AUDRIN, J. Maria. *Entre Sertanejos e Índios do Norte*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

_____. *Os Sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

BERTHET, Michel L. Uma viagem de missão pelo interior do Brasil. In: *Memórias Goianas*. Goiânia: UCG, 1982. p. 109-170.

BORGES, Durval Rosa. *Rio Araguaia Corpo e Alma*. São Paulo: IBRASA, 1987.

CERTEAU, Michael. A operação historiográfica. In: _____ *A escrita da história*. 2 ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2000.

COLEÇÃO MEMÓRIAS DOMINICANAS. Juiz de Fora: s. Ed; s. data.

BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GALLAIS, Estevão. *O Apóstolo do Araguaia: Frei Gil Vilanova, Missionário Dominicano*. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1942.

_____. *Uma Catequese Entre os Índios do Araguaia*. Salvador: Progresso, 1954.

SANTOS, Edivaldo Antonio dos. *Os dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930): fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 1996.

SILVA, Cônego Trindade. *Lugares e Pessoas: subsídios eclesiais para a história de Goiás*. São Paulo: Salesianas, 1948.

SILVA, Mônica Martins. O catolicismo popular em Goiás e o regulamento para festividades e funções religiosas. In: Quadros, Eduardo Gusmão et al (orgs). *Cristianismos no Brasil Central: História e Historiografia*. Goiânia: UCG, 2008. p.137-160.

_____. As fronteiras da fé nos domínios das festas: sociedade, Igreja e romanização em Pirinópolis (1890-1950). *Fragments de Cultura*. Goiânia. V.11, n.2, mar/abr. 2001.p.203-228.

_____ e MOREIRA, Wellington Coelho. Conjugalidades clericais na Diocese de Goiás, 1824-1907. *História*. [online]. 2010, v.29, n.1 p.170-196. Disponível em <http://homolog.scielo.br/scielo.Php>.

PIAGEM, Pe. Pedro Pereira e SOUZA, Pe. Cícero José de. *Dom Alano: o missionário do Tocantins*. Goiânia: Editora dos Autores, 2000.

VICENT, Catherine. Latrão IV (1215): o ímpeto pastoral. In: CORBIN, Alan (org.). *História do Cristianismo*. Trad. Antonio Maia da Rocha. Lisboa: Editora Presença, 2008, p.173-176.

Recebido em 11 de março de 2013/
Aprovado em 29 de maio de 2013